

AMAZÔNIA: UM CANTO DE LUTA EM FORMA DE POESIA NAS TOADAS DOS BUMBÁS DE PARINTINS

AMAZÔNIA: A SONG OF FIGHT IN THE FORM OF POETRY IN THE TOADAS OF THE BUMBÁS OF PARINTINS

Larissa Menezes de Freitas¹

RESUMO: Este artigo versa sobre as expressões socioculturais do Festival Folclórico de Parintins, em que as toadas, principal elemento de desafogo, entoam, de modo poético, o canto da floresta, envolto por protestos e exaltação. Enfocam-se os temas e tradições abordados nas músicas dos bois Caprichoso e Garantido, que resgatam, fortificam e preservam a imagem da Amazônia e seus remanescentes, do indígena, do caboclo e do ribeirinho, perpetuando, assim, a identidade do povo parintinense e, sobretudo, amazonense.

Palavras-chave: Amazônia. Boi-Bumbá. Toadas

ABSTRACT: This article deals with the sociocultural expressions of the Parintins Folk Festival, in which the toadas, the main element of relief, sing, in a poetic way, the song of the forest, surrounded by protests and exaltation. Here, emphasis is placed on the themes and traditions addressed in the songs of the Caprichoso and Garantido oxen, which rescue, fortify and preserve the image of the Amazon and its remnants, of the indigenous, the caboclo and the riverside, thus perpetuating the identity of the parintinense and, above all, amazonense people.

Key-words: Amazon Rainforest. Boi-Bumbá. Toadas.

¹ Graduanda em Letras, Língua Portuguesa e Literatura, UEA.

1. CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Memórias são partilhas. Sobreviventes do tempo, os bumbás Caprichoso e Garantido estabeleceram, ao longo dos anos, um intenso vínculo com a população parintinense, perpetuado pelo amor e disputa entre os seus brincantes, aflorados nas três noites de festa do maior evento da ilha Tupinambarana: o Festival Folclórico de Parintins. Realizado desde 1965, com a primeira disputa entre bois promovida apenas no ano seguinte, tem como sede de apresentação o anfiteatro (popularmente conhecido como bumbódromo), desde 1988, construído, à época, na gestão do então governador do Estado, Amazonino Armando Mendes.

Em um espaço que evoca o afloramento de raízes, os bois-bumbás emergem no cenário cultural, alcançando lugar de destaque, presenteando-nos com a mostra do saber nortista, evidenciando os valores desta região por vezes esquecida e negligenciada em relação ao resto do país. Desta forma, a tradição se funde à poesia e projeta-se para além do panorama regional, alcançando não somente os brincantes² locais, mas também aqueles que não cresceram circundados pela cultura “bovina”. Beatriz Helena Furlanetto (2011), em Território e Identidade no Boi-bumbá de Parintins, tece uma análise sobre a relação do festival com os brincantes:

[...] os grupos envolvem a comunidade, criando uma história em comum, despertando sentimentos, tecendo laços identitários: compartilhando as mesmas toadas, cantando e torcendo juntos por um dos grupos de boi, os parintinenses constroem seus valores e estabelecem vínculos territoriais, pois a música retrata a cultura e a memória do povo, possibilitando uma forma de comunicação na interrelação entre indivíduo e grupo (Furlanetto, 2011, p. 5).

Dentro desse contexto, estão inseridas as toadas, ritmo que envolve o espetáculo. Expressões poéticas, as toadas surgem como o canto de luta de um povo dantes

² Na região parintinense, *brincante* é o nome dado ao folião do Boi-Bumbá.

silenciado, que declama o seu amor pela região amazônica nas letras dos bois que dão vida à arena. Além disso, remete-nos à nossa própria história, aproximando-nos de nossas origens, costumes e hábitos, sobretudo dos povos que compõem a nossa terra, com a figura indígena representada em sua essência, daquele que luta, hoje, e lutou contra os colonizadores, em sinal de resistência.

Categoricamente, a toada é a principal forma de exteriorização poética pelos silenciados do Norte. Com apelos à preservação da natureza, sobretudo da floresta amazônica, o relato do quotidiano indígena, caboclo e ribeirinho, as matrizes africanas e europeias, assim como os traços do catolicismo, atrelados ao sincretismo religioso, constituem-se os versos que dialogam com o povo amazônida. No que diz respeito às características das canções que embalam os festivais ao longo dos anos, Wilson Nogueira (2014) destaca outras características presentes:

Os poetas do boi-bumbá de terreiro se referem, principalmente, aos temas do cotidiano, exaltação ao boi amado e zombaria ao boi rival, e aos “desafios” de estímulo de coragem e heroísmo a suas fileiras (personagens e torcedores) e de covardia ao oponente [...]. Os compositores populares tradicionais atribuem a habilidade de compor toadas – e desafios – a um “dom natural” ou a uma herança do repentista nordestino (Nogueira, 2014, p. 134).

Mesmo que a festividade folclórica tenha fincado seu caminho na região Norte, suas raízes, em verdade, remontam ao nordeste do país. Em seu apogeu, o itinerário da borracha trouxe consigo diversos imigrantes maranhenses, estes, com vistas de trabalho nos seringais situados na Amazônia. Em suas bagagens havia a lenda do *bumba meu boi*, cujo nome, no Amazonas, firmou-se como boi-bumbá. Como exemplo dessa mescla, tem-se a música *Miscigenação*, de autoria de Arisson Mendonça e Enéas Dias (2011), que explora e saúda a hibridização entre as festividades, as raças e o culto à natureza e aos santos:

Miscigenação (Arisson Mendonça, Enéas Dias, Garantido)

Nossa festa é de boi-bumbá
Nosso ritmo é quente, amazonense
É o batuque misturado, apaixonado
Tem a cara do Brasil
Coisa assim nunca se viu

É o balanço que imita banzeiro
Tem cheiro de beira de rio
Tem herança do nordeste
Bumba-meu-boi, cabra-da-peste
Tem gingado de quilombo
Tem poeira levantando
Tem rufar de tambores tribais

Sou afro-ameríndio
Caboclo, mestiço
Eu sou
A própria miscigenação

Sou batucada
Sou a cadênciâ eternizada na toada
A poesia de um amor que se transforma
Em um som que vem da alma

Sou Pai Francisco
Sou Catirina, Gazumbá
Sou Garantido

A garantia que esse amor é infinito
E faz o mundo inteiro amazoniar

Eu sou boi-bumbá
Eu sou boi-bumbá
Sou Parintins, sou a raiz
E o coração de uma nação

Quanto às suas respectivas criações, a gênese do boi encarnado se reporta à baixa do São José, onde o Boi Garantido, idealizado por Lindolfo Monteverde, ganha forma. Seu rival, o boi preto de estrela azulada, Boi Caprichoso, é fundado por João Roque, Félix e Raimundo Cid, irmãos, naturais de Crato (CE), que se mudaram para Parintins em decorrência do Ciclo da Borracha. Entretanto, é válido pontuar que a data de criação dos

bois representantes do festival é incerta, como sinaliza Nogueira (2014) em Boi-Bumbá: Imaginário e Espetáculo na Amazônia:

Ainda não há uma pesquisa voltada para o estudo da memória do boi-bumbá, em Parintins, que alcance o período anterior à provável data de criação dos bois-bumbás Garantido e Caprichoso, supostamente em 1913. Até mesmo essa data é questionável, porque ela foi estabelecida no clima da competição entre os dois bois pela primazia do título de “mais antigo e mais tradicional” (Nogueira, 2014, p. 30-31).

À época da criação do festival, em 1965, três bumbás existiam: Garantido, Caprichoso e Campineiro, este último, foi “desfeito”, dada a preferência existente nas ruas pelos dois outros bois. Com a pele acinzentada, o Campineiro detém as cores verde e amarelo, com o símbolo do Sol estampado em sua testa. As cores, que remetem à bandeira brasileira, concederam-lhe a alcunha de “canarinho”. De acordo com Eduardo Paixão, presidente do centro cultural que abriga o Campineiro, o terceiro boi se transforma em um “amuleto” em anos de Copa do Mundo, adornado por enfeites e bandeiras³.

Desse modo, a polarização entre a população parintinense se faz perceptível na divisão espacial do bumbódromo para os agremiados, evidenciada pelas cores azul e vermelha, simbolizando os seus respectivos bois, Caprichoso e Garantido, estabelecendo não só as formas sociais operantes nessas duas partes, entre os brincantes, mas o princípio de territorialidade, que, neste contexto, atua como o agente fomentador na corrida pelo título de campeão do Festival de Parintins.

O sentimento de pertencimento, por meio da festividade, somado à concepção de território, corrobora o domínio do Estado sobre o espaço, o que suscita a expansão da celebração para além da cidade parintinense. A partir de então, tradição e economia se unem, guiando, assim, os brincantes e o governo em um objetivo em comum: a

³ O terceiro de Parintins: Boi Campineiro já nasceu com a cara do Brasil. *Partiu Parintins*, Parintins, 9 de ago. de 2021. Disponível em: <<https://partiuparintins.com/2021/08/09/o-terceiro-de-parintins-boi-campineiro-ja-nasceu-com-a-cara-do-brasil/>>. Acesso em: 4 jun. 2023.

realização da máxima do coração do povo da ilha Tupinambarana. Por meio de pesquisa qualitativa, com a reunião de toadas dos bois Caprichoso e Garantido, busca-se examinar, consoante elementos do cotidiano nortista, bem como vivências, religiosidade e indivíduos, as letras das canções e como elas estão diretamente ligadas à vida do povo do Norte.

2. DIFERENTES FACES QUE COMPÕEM O SUJEITO DO NORTE

Remetendo-nos ao que conhecemos como Festival de Parintins, devemos retornar ao final da década de 1980, cujas transformações na festividade, e, por consequência, nas toadas, moldaram o que concebemos, hoje, do boi-bumbá: a indiscutível presença dos temas amazônicos, o imaginário caboclo e os ritos indígenas. As toadas assumem o papel de agentes disseminadores da rotina de indivíduos por muito negligenciados em nossa história, como pauta Marco Andrade Butel (2015) em *Ao Som da Toada: A Representação Cultural Presente nas Toadas dos Bumbás de Parintins/AM (1985-1995)*:

As toadas cantam em sua defesa, contam histórias, o imaginário caboclo e indígena são retratados [...], o mundo passa a conhecer o cotidiano do ribeirinho, do mateiro, do seringueiro, do pescador, do farinheiro, da parteira, da benzedeira, e de tantos outros personagens que habitam na imensidão verde que é a Amazônia (Butel, 2015, p. 8).

Um dos principais problemas enfrentados pela população ribeirinha é o período da enchente que, ao acometer a cidade, faz com que a falta de infraestrutura pese sobre essa parte mais pobre, afetando sua economia, movida pela pesca e agricultura, e o seu viver. Em exemplo a este fato, tem-se a canção Maromba, de Heliomar Conceição (1989), que narra uma prece feita para o Sol, na qual a súplica, baseada em uma crença popular, consiste em piedade ao povo sofrido, que resiste aos estragos ocasionados pela chuva:

Maromba

(Heliomar Conceição, Caprichoso)

O brilho, ô brilho
O brilho, ô brilho do Sol
Não deixe os Andes chorar
Não deixe não quando os Andes choram
Vai ter cheia grande
Aí o povo vai penar
Maromba, maromba, maromba marombê
Maromba, maromba, maromba marombá

Mas eu te imploro
Piedade pro povo que mora na beira do rio
Boi Caprichoso exalta esse povo
Que passa grande privação
Mas se Deus quiser
Quando a vazante chegar vou pra lá
E quero encontrar esse povo
Com cara de gente feliz!

As águas se metamorfoseiam em estradas para a população e barcos e canoas se convertem nos principais meios de locomoção. A canoa, sobretudo, torna-se um dos elementos-chave na vida do caboclo, acompanhando-o no seu dia a dia. Saga de Um Canoeiro, cuja autoria é de Ronaldo Barbosa (1995), difundida na voz de Arlindo Júnior, popularmente conhecido como Pop da Selva, narra a relação do ribeirinho com a natureza, especialmente o rio e a mata, os contratempos e pesares sofridos pelo homem, tudo isso dentro de sua canoa, a sua companheira de remadas eternas:

Saga de um canoeiro

(Ronaldo Barbosa, Caprichoso)

Vai um canoeiro, nos braços do rio
Velho canoeiro, vai, já vai canoeiro

Vai um canoeiro, no murmúrio do rio
No silêncio da mata, vai, já vai canoeiro
Já vai canoeiro, nas curvas que o remo dá, já vai canoeiro

Já vai canoeiro, no remanso da travessia, já vai canoeiro

Enfrenta o banzeiro nas ondas dos rios
E das correntezas vai o desafio, já vai canoeiro
Da tua canoa, o teu pensamento
Apenas chegar, apenas partir, já vai canoeiro

Teu corpo cansado de grandes viagens
Já vai canoeiro
Tuas mãos calejadas do remo a remar
Já vai canoeiro

De tua viagem de tantas remadas
Já vai canoeiro
O porto distante
O teu descansar

Eu sou, eu sou
Sou, sou, sou, sou canoeiro
Canoeiro, vai!

O homem se funde à natureza pois dela é indissociável. Converte-se numa figura essencial, que propala o conhecimento e a memória deixados pela selva, sua casa. Orgulha-se, sobretudo, de quem é, preocupando-se com aqueles para quem transmitirá o seu legado, agarrando-se a sua fé, católica e ancestral; é *caboclo das águas, canoeiro, remador, pescador, proeiro das águas, senhor da Amazônia na vazante e na cheia*: é ribeirinho.

Senhor das águas

(Adriano Aguiar / Paulo Victor Carvalho, Caprichoso, 2022)

Léguas, continente de águas abertas
Vastidão inundada que cerca
Mas não espanta esse velho ribeiro
Canoeiro, pescador, proeiro

Tarrafa, malhadeira, zagaia, espinhel
Caniço e no frio aguardente pra aquecer
E somente o céu pra prosear, eu e você

Cada curva de rio eu conheço

Cada igarapé não esqueço
Furos e lagos, atalhos perdidos
Estirões, alagados
Sinistros igapós, aí eu levo meu terço
Me proteja, São Pedro

Na lida eu e minha parceira
Cabocla camaroeira
Minha senhora, vamos embora
Que os nossos meninos de longe
O sorriso, a canoa tá cheia

Sou ribeirinho!
Quando a cheia tá brava eu faço maromba
Levanto minha casa
Palafita se assusta com tanta água

Sou ribeirinho!
E quando a estiagem castiga
Eu caminho praiões
Fico me perguntando
Cadê aquele tanto de água?

Chapéu de palha protege do Sol escaldante
Sei onde tem cobra grande
Converso com boto e Yara, mãe d'água

No mês de junho amarro a minha canoa
E do lado minha cabocla, vestidos de azul
Pra brincar boi bumbá

Sou ribeirinho!
Sou do Boi Caprichoso
O boi mais formoso que tem neste lugar

Caboclo das águas, canoeiro, remador
Pescador, proeiro das águas, senhor
Da Amazônia na vazante e na cheia
Ribeirinho eu sou!

3. O CANTO DA FLORESTA

Marcos Antonio Lima Costa e Adelson da Costa Fernando, em A Composição da Toada na Amazônia e a Festa do Boi-Bumbá: A Poética do Imaginário do Compositor

(2013), exprimem que “a toada (é) o canto da floresta que ecoa além da imensidão, levando ao conhecimento de todos a vivência, o costume, a tradição de um povo que outrora estava silenciado. Esse cantar revela o poder da fala mansa do caboclo, que se agiganta para entoar [...] seu verdadeiro amor pela Amazônia”, isto é, a sinfonia cabocla aviva o brincante ora adormecido, convertendo o canto da floresta em seu próprio canto, transfigurando-o em um pedido de socorro.

O poeta amazônica Emerson Maia, em Lamento de Raça (1996), toada composta para o Boi Garantido, exprime, em versos apoteóticos, a luta e a dor da floresta e daqueles que dela se alimentam, mostrando-nos que, no fim, o fogo não faz distinção a ninguém: ele consome e destrói; a consequência da ganância humana, no que diz respeito ao desmatamento e queimadas desenfreadas, é exposta na letra da canção:

Lamento de raça
(Emerson Maia, Garantido)

O índio chorou, o branco chorou
Todo mundo está chorando
A amazônia está queimando
Ai, ai, que dor
Ai, ai, que horror
O meu pé de sapopema
Minha infância virou lenha
Ai, ai, que dor
Ai, ai, que horror
Lá se vai a saracura correndo dessa quentura
E não vai mais voltar
Lá se vai onça pintada fugindo dessa queimada
E não vai mais voltar
Lá se vai a macacada junto com a passarada
Para nunca mais, voltar
Para nunca mais, nunca mais voltar
Virou deserto o meu torrão
Meu rio secou, pra onde vou?
Eu vou convidar a minha tribo
Pra brincar no Garantido
Para o mundo declarar
Nada de queimada ou derrubada
A vida agora é respeitada todo mundo vai cantar
Vamos brincar de boi, tá garantido

Matar a mata, não é permitido

Em meio ao ressoar da mata, seus filhos e protetores: os indígenas. As canções resgatam, em letra e ritmo, a identidade não só regional, mas brasileira como um todo; a batucada que embala o ritmo da Amazônia nativa provém de comunidades afrodescendentes que pelo país passaram e, por muito, foram silenciadas. Na arena, o Eu se molda na figura originária, exaltando e recordando a sua luta pela sobrevivência da floresta e, também, as suas tradições.

Entoar o clamor da floresta é retirá-la do silêncio ao qual foi condenada pelo branco, que a submeteu ao *sofrer sem pesar*, retorcida em si. A poética da toada se converte em versos que vivificam sonhos letargos, no qual o cenário aparente (a Amazônia) se irrompe em paixões e dores, mesclados à magia da floresta e à força ancestral indígena, este último, que se defronta aos desafios de manter-se vivo, protegendo aquela que lhe concebeu: a Mãe Natureza. Em “Índio”, cuja autoria também se atribui a Emerson Maia (1995), os elementos mencionados anteriormente são evidenciados, numa melodia capaz de atravessar o imaginário daqueles que a escutam:

Índio (Emerson Maia, Garantido)

Eu sou um índio
Sou um índio guerreiro
Sou também feiticeiro
Mas eu não quero guerra
Quero a paz na terra
A selva pra caçar
E o rio pra pescar
Eu sou um índio
Pense nisso seu branco
Já tiraste o encanto
O esplendor da floresta
Quase nada me resta
Eu só quero viver
Ver meu filho crescer
Me deixe em paz seu moço

Ou eu fico louco
Respeite os limites pra manter minha nação
Não preciso do seu saber
Por que isso me faz sofrer
Eu já tenho a beleza
Da mãe natureza pra sobreviver

A paixão pelo meio que o cerca faz com que o indivíduo amazônida se entrelace à natureza, criando uma relação de interdependência, onde o seu imaginário é transposto em forma de canção, gesto e ritmo. Os animais e os deuses se reúnem, coabitam, partilhando das águas e florestas, tudo isso entoado pela narrativa que mais tarde toma conta do bumbódromo e dos brincantes, que não apenas cantam sem propósito, mas têm em si e trespassam esses elementos da cultura local, exaltando as suas raízes e reconhecendo o seu Eu perante os demais.

Viva a cultura popular!

(Adriano Aguiar; Geovane Bastos; e Guto Kawakami, Caprichoso, 2012)

Viva a cultura popular
Viva o boi de Parintins
Viva o folclore brasileiro
Caprichoso é raiz
É boi-bumbá o ano inteiro

Viva a cultura popular
Viva o boi de Parintins
Viva o folclore brasileiro
Caprichoso é raiz
É boi-bumbá o ano inteiro

A nossa festa, nosso ritmo, nossa dança
Nossa toada, tocada e cantada de um jeito caboclo
Apaixonado, brincando de boi

Caprichoso é raiz, é folclore, tradição
É cultura popular, é a herança dos povos
É bumba-meu-boi, boi-bumbá

Tem batuque de negro
É afro o rufar dos tambores sagrados da terra

É nativo, ameríndio, tribal, o som da floresta
É toada de boi, é caboclo, é azul esse amor caprichoso
Viva o som desse povo guerreiro
Viva a força do folclore brasileiro

Sou a arte, a fé dessa gente
A essência de brincar de boi
Sou a cultura popular
Nosso folclore tem a cara desse povo mais feliz, é

Viva a cultura popular
Viva o boi de Parintins
Viva o folclore brasileiro
Caprichoso é raiz
É boi-bumbá o ano inteiro

Viva a cultura popular
Viva o boi de Parintins
Viva o folclore brasileiro
Caprichoso é raiz
É boi-bumbá o ano inteiro

A nossa festa, nosso ritmo, nossa dança
Nossa toada, tocada e cantada de um jeito caboclo
Apaixonado, brincando de boi

Caprichoso é raiz, é folclore, tradição
É cultura popular, é a herança dos povos
É bumba-meu-boi, boi-bumbá

Tem batuque de negro
É afro o rufar dos tambores sagrados da terra

É nativo, ameríndio, tribal, o som da floresta
É toada de boi, é caboclo, é azul esse amor caprichoso
Viva o som desse povo guerreiro
Viva a força do folclore brasileiro

Sou a arte, a fé dessa gente
A essência de brincar de boi
Sou a cultura popular
Nosso folclore tem a cara desse povo mais feliz, é

Viva a cultura popular
Viva o boi de Parintins
Viva o folclore brasileiro
Caprichoso é raiz
É boi-bumbá o ano inteiro

Viva a cultura popular
Viva o boi de Parintins
Viva o folclore brasileiro
Caprichoso é raiz
É boi-bumbá o ano inteiro

Viva a cultura popular
Viva o boi de Parintins
Viva o folclore brasileiro
Caprichoso é raiz
É boi-bumbá o ano inteiro

4. RELIGIOSIDADE AMAZÔNIDA

Com versos que evocam preces a Tupã, pede-se paz e proteção durante o curso da vida. Durante o festival, o ritual, que traz consigo o pajé e, em algumas ocasiões, a cunhã-poranga⁴ dos respectivos bois, além da apresentação das lendas folclóricas, a presença de toadas com palavras de origem indígena e a menção direta a deuses de matriz nativa se faz mais forte, como em Paranákari, toada do Boi Garantido (1995):

Paranákari
(Tony Medeiros, Garantido)

Tupã açu angá, hauê, hauê, hauê, haua
Tupã açu angá
Tupã açu angá, hauê, hauê, hauê, haua
Tupã açu angá

Do ventre da terra
Meu povo reclama de ti, Paranákari
O silêncio da mata escuta no vento
Meu povo cantar
Tupã grande Deus do meu povo

⁴ Cunhã-Poranga é uma personagem feminina que representa a mulher indígena e se coloca como uma exaltação à beleza nativa. No espetáculo, essa personagem aparece em contextos exclusivamente indígenas, podendo ser estes momentos de representações de lendas ou de rituais (Nakanome; Silva, 2018).

Hoje em silêncio a selva reclama da guerra
Que sem piedade manchou toda terra
Mas a coragem plantada no tempo vingou
Canta meu povo, dança que a lua nasceu
Pois talvez algum dia o branco acorde
E devolva o que é teu

Tupã açu angá, hauê, hauê, hauê, haua
Tupã açu angá
Tupã açu angá, hauê, hauê, hauê, haua
Tupã açu angá

Do ventre da terra
Meu povo reclama de ti, Paranákari

O clamor em virtude do mal causado por Paranákari⁵ faz com que o entoante recorra a Tupã, o Deus do Trovão, este, inclusive, por vezes posto como a divindade superior dos tupi-guarani. Entretanto, é importante dizer que isto está a cargo de Nhanderuvuçú⁶ (ou Nhamandú), o Deus que veio dar ordem ao caos e criou os demais deuses, dentre eles, Tupã.

É valoroso destacar que a força indígena é um dos pilares do Festival Folclórico de Parintins, quer seja em ritmo, dança ou manifestação divina. A preocupação para com a natureza, transposta nas toadas, é uma luta de séculos, luta esta que ceifa a vida daqueles que buscam proteger aquela que provê e acolhe. E os deuses, nesse momento, mais do que divindades, mostram-se, sobretudo, amigos daqueles que por eles clamam.

A oração da montanha

(Ronaldo Barbosa e Simão Assayag, Caprichoso, 1999)

Ó grande espírito
Vem falar comigo
Vem como um anjo amigo
E escuta o meu gemido

⁵ [...] segundo glossário presente no encarte do álbum de canções do Boi Garantido de 1998, significaria “o homem branco que o rio trouxe” e pertenceria a uma língua indígena, o tupi (Polygram, 1998, apud Farias, 2013).

⁶ Alma velha.

Porque os ventos que aqui
Por séculos dormiam
Sopram agora pavorosamente
A minha agonia... Hei!

Nesta montanha sagrada
Como a chama que atrai o besouro
Seu relevo tem o enlevo do ouro
Que ao branco enlouquece
Que ao índio enternece

E o veio que vara seu seio
Por que procuram tanto?
Tanto, tanto?
Se já não falo contigo
Se já perderam o encanto
De contemplar o infinito
De sentar junto a ti à fogueira
De sentir que não há cabeceira

De olhar nos teus olhos Tupã
E te chamar de meu amigo
Tupã, te chamar de amigo

A mescla de raças abordada nas mais diversas toadas do festival se une à fé, igualmente imortalizada nas letras dos bois brincantes. O legado africano emerge e se conecta ao saber ancestral, e o caboclo, fruto dessa diversidade, também se apega aos santos católicos, representando os principais pilares formadores não somente do homem amazônida, mas do Brasil em sua totalidade. Entoa-se, então, o brado do *caboclo de fé*.

Caboclo de fé

(Antônio Silva / Demetrios Haidos / Geandro Matos / Jacson Sicsú, Garantido, 2020)

Kosi Ewé, Kosi Orisá!
(Axé, Anauê, Shalom)
Amém, Namastê!

Sou o caboclo de fé
Sou mistura de crenças
Saberes da terra que vagam nas eras
A interculturalidade religiosa dos povos da Amazônia

Eu sou feitura de barro e amarração
Rezador de almas e procissão
Fadista, eu sou o caboclo de oração
Eu sou a promessa, a festa de santo
A novena, a missa, o oculto a natureza é minha mãe
Sou Afro-indígena sou Afro-Brasil
E os mestres do Catimbó vou chamar
Pra dançar no terreiro do meu boi-bumbá
Ilê, Ileayê, Ilê, Ileayá bato tambor pra Xangô e Xambá
Ilê, Ileayê, Ilê, Ileayá sou de Santo Daime, Tupã, Jesus e Oxalá

Eu sou o dono do terreiro
O marajoara quimbandeiro
Nas ocaras ayahuasca é meu chá
O meu templo é a Amazônia um presente de Alá

Eu sou o caboclo de fé
Sou curador e cantador
Nos rituais de candomblé
Eu nasci do batuque do tambor

Eu sou o caboclo de fé
Sou curador e cantador
Nos rituais de candomblé
Eu nasci do batuque do tambor

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os bumbás de Parintins, consagrados como patrimônio cultural brasileiro em 2018, trespassam a imagem do festival e, para além do simbólico, representam populações antes à sombra, sem voz, trazendo à tona, também, os apelos de preservação da natureza, frisando o cuidado com a floresta e aos rios e igarapés. O repasse e a manutenção das diversas culturas que permeiam a Amazônia, através do espetáculo, sobretudo pelas canções, atingem a todos: aos que nela residem, tomando consciência do seu Eu, de suas dificuldades e enfrentamentos, e do outro (o restante do país), que passa a olhar, uma vez mais, para o Norte, como nos tempos áureos da borracha.

A expressão poética das músicas age como fator fundamental para a continuidade do repasse da memória, solfejando o saber indígena, sua manifestação cultural e religiosa, assim como o imaginário e o real dos personagens protagonistas das histórias aqui cantadas, enlaçados e cuidadosamente dispostos. O discurso entoado atenta o público às questões envolvendo o ecossistema amazônico e os seus dependentes, defende e luta pelas culturas nativas, por vezes menosprezada pelo branco. E a toada, elemento de voz à esperança, legitima a Amazônia, personificada em versos poéticos, evocada pela voz daqueles que nela residem, dando abertura à difusão do sujeito do Norte ao resto do país, levando o contar da floresta e dos rios que o acompanham.

REFERÊNCIAS

- AGUIAR, Adriano; BASTOS, Geovane; KAWAKAMI, Guto. *Viva a cultura popular*. Disponível em: <<https://www.letras.mus.br/caprichoso-boi-bumba/viva-a-cultura-popular-2012/>>. Acesso em: 4 jun. 2023.
- CARVALHO, Paulo Victor. *Senhor das águas*. Disponível em: <<https://www.letras.mus.br/caprichoso-boi-bumba/senhor-das-aguas/>>. Acesso em: 8 jun. 2023.
- BARBOSA, Ronaldo; ASSAYAG, Simão. *A oração da montanha*. Disponível em: <<https://www.letras.mus.br/caprichoso-boi-bumba/967466/>>. Acesso em: 8 jun. 2023.
- BARBOSA, Ronaldo; ASSAYAG, Simão. *Saga de um canoeiro*. Disponível em: <<https://www.letras.mus.br/caprichoso-boi-bumba/saga-de-um-canoeiro/>>. Acesso em: 4 jun. 2023.
- BUTEL, Marcos Andrade. Ao som da toada: A representação cultural presente nas toadas dos bumbás de Parintins (1985-1995). *Anais VII FIPED...* Campina Grande: Realize Editora, 2015. Disponível em: <<https://www.editorarealize.com.br/index.php/artigo/visualizar/17496>>. Acesso em: 4 jun. 2023.
- CONCEIÇÃO, Heliomar. *Maromba*. Disponível em: <<https://www.letras.mus.br/caprichoso-boi-bumba/maromba/>>. Acesso em 4 jun. 2023.
- COSTA, M. A. L., & Fernando, A. da C. (2013). A composição da toada na Amazônia e a festa do boi-bumbá: a poética do imaginário do compositor. *Revista Eletrônica Mutações*, 4(7). Disponível em: <<http://www.periodicos.ufam.edu.br/index.php/relem/article/view/542>>.

FARIAS, Lucas da Mota. *A cultura histórica sobre a conquista da América nas canções do Festival Folclórico de Parintins (1998)*. 2013. Monografia (Bacharelado em História). Curso de História. Universidade de Brasília: Instituto de Ciências Humanas, Departamento de História, 2013.

FURLANETTO, Beatriz Helena. Território e identidade no boi-bumbá de Parintins. *Revista Geográfica de América Central*, vol. 2, julio-diciembre, 2011, p. 1-15. Universidad Nacional Heredia, Costa Rica.

MAIA, Emerson. *Índio*. Disponível em: <<https://www.letras.mus.br/garantido/669751/>>. Acesso em: 8 jun. 2023.

MAIA, Emerson. *Lamento de raça*. Disponível em: <<https://www.letras.mus.br/garantido/669753/>>. Acesso em: 4 jun. 2023.

MENDONÇA, Arisson; DIAS, Enéas. *Miscigenação*. Disponível em: <https://www.letras.mus.br/garantido/1826417/>. Acesso em: 4 jun. 2023.

MEDEIROS, Tony. *Paranákari*. Disponível em: <<https://www.letras.mus.br/garantido/paranakari/>>. Acesso em: 10 jun. 2023.

NAKANOME, Ericky da Silva; SILVA, Adan Renê Pereira da. Um olhar sobre o feminino: o que ensina a cunhã-poranga do Boi Caprichoso?. *Revista AMAZÔNICA*, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq/EDUA. Ano 11, Vol XXII, Número 2, jul-dez, 2018, p. 187-206.

NOGUEIRA, Wilson. *Boi-bumbá: Imaginário e espetáculo na Amazônia*. Manaus: Editora Valer, 2014.

SILVA, Antônio; HAIDOS, Demetrios; MATOS, Geandro; SICSÚ, Jacson. *Caboclo de fé*. Disponível em: <<https://www.letras.mus.br/garantido/caboclo-de-fe/>>. Acesso em: 10 jun. 2023.

Recebido em: 07/07/2023.

Aceito em: 30/08/2023.